

CEMITÉRIO SANTO ANTÔNIO DA BOA VISTA: PERSPECTIVAS, ESPECIFICIDADES E CONEXÕES COM A SAÚDE PÚBLICA

ZANI FURTADO DE BORBA¹; ARISTEU ELISANDRO MACHADO LOPES²

¹Universidade Federal de Pelotas – sofiaborba7@gmail.com

²Universidade Federal De Pelotas – aristeuufpel@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa estabelecer algumas perguntas para tentar responder e esclarecer questionamentos como: contexto histórico que levou a instituição do cemitério Santo Antônio da Boa Vista, localizado em Pelotas, fundado em 1855, área geográfica em que se localiza e em qual classificação podemos inseri-lo.

A origem do cemitério Santo Antônio da Boa Vista remonta ao período entre 1855-1859 quando Pelotas foi atingida pela epidemia de Cólera Morbos, primeira no Brasil, terceira no mundo. Após as primeiras notificações, em 8 de novembro de 1855, espalhou-se rapidamente atingindo todas as “classes” sociais, mas, com mais gravidade aos escravizados da área charqueadora. (LUCAS, 2006). A alta letalidade da doença agravou os problemas já existentes: a insalubridade, os rigores do clima, as condições extremas de sobrevivência a que eram submetidos os escravizados foram diretamente responsáveis por aumentar o risco de contágio, o número de fatalidades e a urgência em se desfazer dos cadáveres. Desse modo, os corpos eram sepultados tanto em cemitérios improvisados no interior das propriedades charqueadoras, quanto nos oficiais. (OGNIBENI, 2005).

Quanto a classificação dos cemitérios, Aires e Gutierrez (2019) os dividem em dois grupos: cemitérios tradicionais caracterizados por perpetuar as tradições da Igreja e cemitérios que se propunham a preservar a saúde pública, evitando a proliferação de doenças que os corpos em decomposição pudessem acarretar. Pelotas, num primeiro momento, seguiu a tradição, porém, com o advento da cólera e a superlotação do Cemitério do Passeio, um campo santo seguiu as determinações da saúde, menção ao Cemitério da Santa Casa de Misericórdia. Contudo, defendemos que o cemitério Santo Antônio da Boa Vista também seguiu essa orientação.

2. METODOLOGIA

Para compreender o comportamento da doença: procedência, alastramento e contágio, consultamos Rêgo (1873). Também foram relevantes alguns periódicos da época, exemplificando: *O Noticiador* (1855) e *O Rio-Grandense* (1849-1851). Nas questões envolvendo a origem dos cemitérios, fechamento e mudanças nos enterramentos, recorremos a: Betemps (s/d), Carneiro (2009) e Aires e Gutierrez (2019), entre outros autores. No que concerne especificamente ao cemitério Santo Antônio da Boa Vista baseamo-nos no “Livro de óbitos nº 3” da Cúria de Pelotas. Primeiro, o transcrevemos e, em seguida, para facilitar a contagem dos mortos registrados, construímos duas tabelas: uma relacionando os escravizados e outra alusiva aos não escravizados. Esta última, subdividimo-la em: homens e mulheres,

seguindo a ordem em que foram efetivados os registros de morte: data, número da folha, solicitante do sepultamento e causa da morte. Não podemos esquecer de que saneamento básico e saúde são correlatos e para entender seu desenvolvimento e funcionamento, em Pelotas, no período em questão, fundamentamo-nos em Xavier (2010).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constatamos que a epidemia de cólera acarretou prejuízos econômicos e sociais, mas, também foi responsável pelas transformações nos enterramentos. Foi seu alastramento e o terror que causava nos governantes e populares o desencadeador de medidas sanitárias cogitando conter a disseminação de doenças infecciosas como a cólera e a varíola. (SANTOS, 1994).

O advento da pandemia e consequente aumento da mortalidade intensificaram os problemas existentes, convertendo-os em caso de polícia, tanto que, em 4 de junho de 1856, ordens policiais decretavam que sepultamentos só poderiam ser efetivados no cemitério oficial, ou seja, a partir daquele momento, o cemitério da Santa Casa de Misericórdia/Fragata. (MAGALHÃES, 1993). Embora demandas sobre cemitérios, sepultamentos e possíveis danos à saúde já fossem debatidas, é somente na Legislação de 1834 que o tema saúde pública passa a figurar entre as pautas, porém, ocupava a quinta posição na lista de prioridades.

Comprovamos que o cemitério da Santa Casa de Misericórdia e o Santo Antônio da Vista entraram em atividade com um intervalo de três dias. A diferença é que, enquanto no primeiro os registros são mais completos e enterravam-se cadáveres oriundos de todas as esferas sociais, o segundo recebia mais escravizados, fato comprovado pela análise do Livro de óbitos. Os enterramentos iniciam em 26 de novembro de 1855 na folha um, r. e finalizam na folha trinta e quatro, r. totalizando 213 mortos, todos vitimados pela cólera, em sua maioria escravizados do sexo masculino. Na atualidade, o cemitério divide espaço com o São Lucas, embora sejam totalmente distintos.

4. CONCLUSÕES

A inovação da pesquisa pode ser encontrada na inexistência de trabalhos específicos sobre o cemitério da Boa Vista. Como já citado, parece-nos, haver um desinteresse em pesquisá-lo. O cemitério é nomeado raramente sempre como Boa Vista, em momento algum, como Santo Antônio da Boa Vista. A localização e existência também geram dúvidas e equívocos, já que muitas das vezes é confundido com o São Lucas ou com um homônimo. A principal relevância do cemitério Santo Antônio da Boa Vista encontra-se na assistência aos menos favorecidos. Foi fundamental para receber as vítimas da cólera, 1855-1859, principalmente, os escravizados, e na atualidade, é o local onde as famílias de menor poder aquisitivo velam e sepultam seus mortos. Portanto, torna-se fundamental visitar e revisitar a história cemiterial, pois os cemitérios não são apenas locais onde repousam restos mortais, mas, são também, locais de memória, onde ficam evidentes as desigualdades sociais. Esperamos, na continuação da pesquisa, responder as questões formuladas e verificar se as condições sanitárias atuais do cemitério estão condizentes com as normas de saúde vigentes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

“**Livro de Óbitos 3 – 1855 a 1859**” “**Cúria de Pelotas**”. Cúria de Pelotas, (1855-1859).

RÊGO, José Pereira. **Memoria historica das epidemias da febre amarella e cholera-morbo que têm reinado no Brasil**. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1873. Disponível em: <https://archive.org/details/memoriahistorica00rego/page/8>. Acesso em: 10 set. 2019.

Relatório do Presidente da Província. Ano 1856/00001: Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=252263&pasta=ano%20185&p_esq=cholera%20morbus&pagfis=1064. Acesso em: 12 set. 2019.

O NOTICIADOR. Rio Grande: v. 1, n.141.Out. 1855. ed.144. p.22. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=230270xx&pasta=ano%20185&pagfis=>. Acesso em: 13 set. 2019.

O RIO-GRANDENSE. Rio Grande: 1849-1851. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764892&pesq=%22Relat%C3%B3rios%22&pagfis=23>. Acesso em: 13 set. 2019.

BIBLIOGRAFIA

AIRES, Anderson Pires; GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. Tradição e saúde e as mudanças nas necrópoles de Pelotas/RS. **Cadernos de História da Ciência**, v.12, n. 2, maio 2019. ISSN 1809-7634. Disponível em: <https://ojs.butantan.gov.br/index.php/chcib/article/view/135>. Acesso em: 18 ago.2020.

BETEMPS, Leandro Ramos. Cemitérios de Pelotas: Fontes históricas in Povoadores de Pelotas - RS/Brasil. Publicado em: quinta-feira, 3 de agosto de 2017. Disponível em: <http://povoadoresdepelotas.blogspot.com/2017/08/cemiterios-depelotas-fontes-historicas.html>. Acesso em: 30 jun. 2020.

CARNEIRO, V. S. Impactos Causados por Necrochorume de Cemitérios: Meio Ambiente e Saúde Pública. Águas Subterrâneas, v. 1, 2009. Disponível em: <https://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/view/21956>. Acesso em:15 jul. 2021.

LUCAS, Agnaldo L. **Os cemitérios no bairro Fragata**: uma relação entre o antigo e o contemporâneo. 2006. Monografia (Pós - graduação em Artes e especialização em Patrimônio cultural e Conservação de Artefatos) - Instituto de Artes e Design.

OGNIBENI, Denise. **Charqueadas pelotenses no século XIX**: Cotidiano, Estabilidade e Movimento. Tese Doutorado em História das Sociedades Ibéricas e

Americanas. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. “Um século de cólera: itinerário do medo”. Physis. **Revista de Saúde Coletiva**, vol.4, no.1, pp.79-110, 1994. Universidade federal de Pelotas, Pelotas, 2006.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890). Pelotas: EdUFPel, 1993.

XAVIER, Janaina Silva. Saneamento de Pelotas (1871-1915): o patrimônio sob o signo de modernidade e progresso. 2010. Dissertação Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.